

O ASPIRANTE

ORGAN DOS ALUMNOS DO EXTERNATO SANTO ANTONIO

ASSIGNATURA

Série de 25 numeros

25000

FOLHA IMPARCIAL, LITTERARIA E NOTICIOSA

PUBLICA-SE A'S QUINTAS-FEIRAS

REDACTORES—Joaquim Beaugrand, A. Freitas A. Whitacker e N. Matoso



Do dia 100 réis.

Atrazado 200 réis.

Aviso

Os nossos assignantes que pagarem suas assignaturas até o dia 20 de Maio proximo, terão direito ao premio que sahir por sorte em um bilhete da loteria de 2 mil contos, em beneficio da Nova Cathedral, que será extrahida no dia 25 de Maio.

O numero do bilhete, bem como o numero dos assignantes habilitados ao premio será publicado com ateccendencia.

O ASPIRANTE

Instrucção Publica

De uma carta particular recebida de Portugal, onde recentemente foi municipalizado o ensino publico primario, sabemos que ha dez mezes não recebem os professores publicos um real de seus minguados ordenados, sendo tal a miseria entre esses infelizes servidores do estado, que em Evora já um delles morreu de fome!

A horrores eguaes nos ha de arrastar a municipalisação do ensino publico.

Nem se argumente com a responsabilidade das camaras municipaes, pois sabemos que infelizmente essa responsabilidade é toda nominal e sempre encontra no *machinismo politico*, escandalosas valvulas de segurança!

Não temos cogitado de adoptar na provincia uma organisação de ensino, que mais se coadune com os nos-

sos habitos, indole e tendencias; antes procuramos, como propositalmente, fazer um mistiforio de tudo quanto em relação ao assumpto existe em outros paizes ou então escolher destes o mais atrazado para copiar-lhe a organisação do ensino.

Deixamos de parte os *jardins da infancia*, as escolas maternas da Alemanha; não vemos a admiravel organisação escolar da Italia; não nos servem de modelo as escolas da Suisa, da França e dos Estados-Unidos; não: vamos procurar no velho e glorioso Portugal o molde salvador, a municipalisação do ensino.

O nosso regresso é tal que em breve tempo, como já o disse alguém, teremos necessidade de que Portugal nos venha de novo descobrir!

A gloriosa nação portugueza já teve a sua epocha: povo de heróes, esculpiu na historia, em letras indeleveis, seu brilhante nome; hoje, porém, descança á sombra dos louros colhidos, como velho soldado, que apenas viva da recordação das batalhas em que foi heroe.

Para muitos outros aperfeicoamentos Portugal ainda nos pode servir de modelo; mas para o ensino popular absolutamente não, pois que o seu atraso nessa materia, como demonstra o a estatistica, é manifesto e só encontra *simile* no atraso da Turquia, abaixo da qual estamos nós.

Consideremos ainda que, si para Portugal, paiz pequeno, onde a massa da população é compacta, a municipalisação do ensino pode produzir fructos beneficos, já pela facilidade

de inspecção por parte do estado, já por ser effectiva a responsabilidade das camaras, em nossa provincia, onde a população é tão disseminada e aquella responsabilidade lettra morta, é tal medida impraticavel.

Si presentemente grande esforço emprega o centro director do ensino para chegar á sciencia dos abusos praticados pelos conselhos municipaes e obrigar-os ao cumprimento da lei, qual não será o resultado quando desaparecer esse centro e sem elle procederem livremente as municipalidades.

Si actualmente um conselho de instrucção arroga-se a faculdade de conceder licenças até tres mezes aos professores, passando-lhes depois attestados de exercicio; si outro usurpa attribuições da alta administração, nomeando professores para a regencia de cadeiras vagas, quando a lei expressamente determina que nenhuma escola será provida senão por meio de concurso especial; si outro, á semilhança do juiz de poz da roça que revogou a constituição, leva a sua omnipotencia a ponto tal que julga-se autorizado a revogar a lei, determinando que ficam supprimidas as férias de inverno e restabecidas as quintas-feiras: o que devemos esperar da direcção e fiscalisação do ensino popular por parte das municipalidades e da faculdade que lhes é dada de nomear e demittir os professores dos respectivos municipios!

S. Paulo, 6 de Maio de 1889.

no 1.502 - 24x33 (19x26)

A Civilidade e os Usos do Mundo

*Dos deveres para com Deus e a
Religião*

CAPITULO I

RESPEITO DEVIDO A'S IGREJAS

«Os preceitos da igreja tem por fim assegurar a execução dos preceitos e e das maximas evangelicas.

Em artigos especiaes trataremos da importante série de deveres para com Deus; hoje estabeleceremos sómente os principios fundamentaes, doude dimanam esses deveres no que é relativo ao culto que lhe devemos tributar. A virtude da religião é habito que faz com que tributemos a Deus o culto supremo que lhe devemos, seja interno ou externo.

Os deveres para com Deus resultam (da parte de Deus) de sua infinita superioridade sobre o homem e todas as creaturas, de suas perfeições sem limites de seus direitos de creador e soberano senhor de todas as cousas, etc., da parte do homem, resultam de sua inferioridade e imperfeição natural relativamente a Deus, de sua dependência infinita em sua qualidade de creatura de Deus, de quem ha tudo o que é, e o que possue.

Vejamos, pois, a applicação destes principios ao cumprimento particular do 3º mandamento da lei de Deus: —*Guardar Domingos e Festas.*

O que é explicado, quanto á pratica, pelo 1º mandamento da igreja: *Ouvir missa inteira nos Domingos e Festas de Guarda.* Não obstante a incredulidade que regula tantos corações, aliás bem formados e capazes de prestar utilissimos á sociedade ainda christã, deixando-os em certa indiferença ou apathia para o que é concernente á gloria de Deus e o culto religioso que lhe é dividido, bem ou mal respeitam-se os domingos e dias santos chamados de guarda; dá-se um descanso todo material aos corpos, embora desprezem-se as esigencias do espirito, esquecendo-se este importante conselho: *Teme a Deus e observa os seus mandamentos; nisso consiste o homem todo.* E' do livro do *Ecclesiastico.* Nesses dias os catholicos praticos não só abstem-se de obras servis, quanto ao corpo, mas cumprem o preceito ouvindo missa.

Trataremos, pois, dos deveres de civilidade nas igrejas.

Jardim poetico das familias

(SONETO)

improvisado pelo bacharel Antonio Figueira, em presença do cadaver de uma moça, que verificou-se ser virgem no necraterio da Côte.

Dizem que o vicio, o crime, as impurezas cruas,
Costumam perecer no catre do hospital,
Mentira! aqui estás tu nas formas, brancas, nias,
Mostrando á mocidade um corpo virginal.

E quantas dessas mil donzellas, que nas ruas
Ostentam de seu luxo o timbre oriental,
Valem menos que tu, do que as virtudes tuas,
Que affrontaram a fome, a enfermidade, o mal.

Emquanto que ellas vão do sólio da riqueza
Matando aspirações, calcando com vileza,
O esplendido porvir da nobre consciencia,

Núa, deitada aqui, a filha da miseria
Si não gozas da tumba a placidez funérea,
Serves de força ao braço da sciencia!

Uma despedida

Eram quatro horas da manhã; ouvia-se ainda o echo das quatro badaladas que vinha de soar no relógio da matriz. O tempo conservava-se nebuloso; Venus expargia de vez em quando sua pallida luz sobre a terra, quando um joven, mergulhado num pensamento profundo, dirigia-se para uma casa, donde, pelas frinchas de uma janella, via-se a luz baça de uma lampada.

A um signal do joven madrugador, assomou á janella uma pallida donzella.

Era a hora fatal de uma despedida, o joven forçado a ausentar-se da terra natal, queria pela ultima vez, manifestar á sua amada as saudades que levava em seu coração apaixonado.

Foi um verdadeiro idyllio os poucos momentos que passaram.

Um phrasear apaixonado, entrecortado de soluços, confundiam-se com o ciciar da briza, quando um passeante, um desses notivagos, ao voltar duma orgia os interrompeu com estrepitosa gargalhada septica!...

Oh! E' que as almas apodrecidas no vicio não comprehendem a grandeza do amor.

J. C.

Cantico da orphã

Fui Magdalena, pedirei perdão.

E' tarde! é tarde! e que escuridão! Dormir parece a natureza toda: da morte ainda vejo a pallida mão cruel escrevendo de meu leito em roda!

Um dia, me lembro, eu era pequenina, emquanto corria pela horta brincando, travessa colhi-formosa bonina; levei á mamã, que estava chorando!—Porque choras, mamã? pergunto afflicta?—Não chores, mamã, te faz muito mal.

Te vejo triste... que tens, que te agita como a canna do taqnaral?... «Minha filha... adora o Deus que adorei...» Da morte as sombras velaram-lhe o rosto!—Minha mãe, eu disse; minha mãe, exclamei; si no mar dorme o sol, meu sol é posto!...

E' noite! é noite! e que escuridão! E dorme, e dorme a natureza toda! E da noite eu vejo a tremula mão que cruel escreve de meu leito em roda!

Corriam de meus olhos as bagas do pranto, do pranto que verte a virgem sem mãe!—Silencio profundo!

Na gelida face da mãe que dormia osculos e osculos a mil eu preguei!

Minha mãe, eu dizia, tu dormes... talvez!

Nos braços gelados, no collo materno, meus braços trancei!—Eu a hera sem vida e á rocha de gelo, consolo pedia! E os braços maternos, gelados e frios, e murchos os labios, fechados os olhos, a fronte pendida, orphã, eu a via!

Oh! mãe tão querida! Oh! saudoso pai!—Meu Deus, exclamei!

Da mãe os sorrisos, eterno; affagas apenas conheço.

—De venturas fructo...

Meu pae... nem pai tenho!

Por quem chamarei?

Minhas mãos aos céus elevo tremendo.. Anjos da infancia, que os lares guardais, valei-me, valei-me!

E rolam do pranto, do pranto amargo torrentes immensas, immensas de dôr, pelas faces murchas da filha sem mãe!...

E' tarde, é tarde, e que escuridão!

Abro a janella da pobre cazuinha... E tudo dorme... me deixam sósinha... triste medito co'a fronte na mão!

E' tarde, é tarde, e que escuridão! Tremo convulsa, suspiro de dôr...

INSTITUTO HISTORICO GEOGRAPHICO DE S. PAULO

Gemo, soluço, dizendo : Senhor, á orpham sem mãe estende tua mão !

E' tarde, é tarde, e que escuridão !
Uivam ao longe furiosas cachoeiras,
gemem commigo chorando as palmeiras,
e a noite eu passo co'a frente na mão !

E' noite, é noite, e que solidão !
Rochedos, ouvi meu canto de dôr !
Custodios do lar, anjos do Senhor !
Ah ! não me deixeis nesta escuridão !

... ..
E assim passaram-se mezes e annos...

Formosa cresci na casa de estranhos,
pretos meus olhos, cabellos castanhos,
os dentes de neve, fontes de enganoso...

... ..
Era das flôres na grata estação ;
ditosa eu vivia com tanto prazer...
Mas, um dia eu vi... nem posso dizer...
O fogo crescia da louca paixão.

Eu o vi no baile, era moço e bello...
Collibri venenoso, o seductor... Eu,
creança louca, vencida d'amor...
Cahi, rosa infeliz, n'um lago de gelo.

E' tarde, é tarde, e que escuridão !
Rosa desfolhada pela desgraça, canico
quebrado pelo tufão... Infeliz...
que mais ? minha vida passa !

... ..
Oh ! costumes das grandes cidades :
Oh ! dias felizes da pobre casinhas !
Lá, o lucto e o pranto aqui só vaidades...
Orpham, perdida... dura sorte minha.

E' noite, é noite, e que escuridão !
Da mãe o conselho á mente me vem ;
— fui Magdalena... pedirei perdão ao
pai dos osphãos, que é meu pai tambem !

E' noite, é noite, e que escuridão !
— Donzellas, ouvi, meu pranto de dôr :
Oh ! virgens formosas, temi a paixão,
das settas fugi — do infido amor.

E' tarde, é tarde, vai esta lição...
Oh ! mais, escutai um pedido de amor :
bellas e virgens vossas filhas são ;
mais, ensinai-lhes de Deus o temor !

E' noite, e noite, e que solidão !
Da virgem as preces meus labios não sabem ;
mas, sabem dizer que prantos lhe cabem,
morrendo de dôr co'a frente na mão.

S. Paulo, 28 de Outubro de 1880.

C. I.

Um arrependimento fatal

Viajor cansado de longa jornada, a noite surpreendeu-me em sitio extranho e solitario.

O esplendor maravilhoso das calmosas noites do verão não se fez tardar por muito tempo, e eis que de repente a pouca claridade que até então ia morosamente estendendo-se sobre a terra, tornou-se um manancial de luz sublime e encantador.

Foi então que pude reconhecer inteiramente o logar em que me achava ; foi então que contemplei maravilhado o grandioso painel que a natureza nos apresenta desde os altos páramos celestes até a planicie da terra.

Achava-me n'uma campina toda salpicada de florinhas de diversos matizes cujos inebriantes perfumes embriagavam o cerebro quando aos querulos beijos da viração ellas inclinavam-se das flexiveis hastes que as sustinham.

Brincando no espaço vagueavam myriades de pyrilampos, já occultando a phosphorecente luz do seu olhar, já fazendo-a reaparecer com mais fulgor.

O firmamento, um azulado manto crivado de luzentes estrellas, cujas constellações assemelhavam-se mais a uma ruidosa contradansa, taes eram as scientillações que offuscavam a vista, orgulhava-se em ostentar a deslumbrante e feiticeira rainha da noite que com olhar mysterioso, segrega silenciosa e impassivel as juras de dous amantes, ou occulta ao mundo os crimes dos homens, sempre muda e sempre queda

Aborto e ex'atico na contemplação d'estas maravilhas, eu já me dispunha a pernoitar n'aquelle logar tão cheio de poesia, quando ao farfallhar das folhas, branda aragem trouxe-me aos ouvidos um doloroso gemido semelhante áquelle que desprende a rola quando furioso vendaval arrebatava-lhe o ninho onde repousam seus filhinhos, arrojando-os ás furias dos ventos.

Então caminhando um pouco além e applicando attentamente o ouvido, pude distinguir entre soluços plangentes um canto enternecedor cuja traducção parecia exprimir a dôr e o desespero.

Depois de ter desviado da minha frente alguns ramos que me tolhiam a passagem, achei-me as margens d'um rio cujas aguas caudalosas corriam redomoinhando e iam-se despeñar com medonho ruido no fundo de um precipicio para depois continua-

rem a sua carreira vertiginosa, alargando-se pela campina e escondendo-se por entre as florestas.

Ahi parei, e divisando a pouca distancia da margem opposta uma pequena vivenda notei que era d'alli que vinham os sentidos lamentos.

Ou fosse por curiosidade ou fosse por interesse, para alli dirigi-me com algum embaraço tal foi a difficuldade que encontrei para ganhar o terreno opposto áquelle em que pisava.

Duas leves pancadas, eis o que bastou para que a porta se abrisse e ahi apparecesse um ancião cujas barbas brancas cobriam-lhe o peito dando-lhe um aspecto respeitavel ; e ao mesmo tempo agradável ; os seus olhos azues exprimiam a tristeza e o soffrimento.

(Continúa)

De-cripção da viagem de Mogy-mirim já S. Paulo

O sol começava alegremente a despontar no horizonte quando as manobras apressadas do vapor indicaram que chegado era o momento da partida.

A cidade ainda dormia ; as casas em triste aspecto estavam, por assim dizer, silenciosas, e, de vez em quando, aqui e acolá, ouviam-se uns ais de cortar o coração.

A estação, essa apenas tinha alguns curiosos, que, pelo desejo de saberem quem ia e quem vinha ahi madrugaram.

Parte, em fim, o trem

De ambos os lados via-se sacudirem tristemente os lenços, trocaram tristes palavras, olharem-se magoadamente.

Passámos a Resaca e outras estações e eis-nos enfim chegados á desolada Campinas.

Horriavel aspecto !

A segunda cidade da provincia envolta em um manto de tristezas chorra a desgraça de seus filhos !!!

Ahi, uma setta traspassou-nos o coração, pois os paulistas são generosos e magnanimos, e com a generosidade e magnanimidade chega tambem a compaixão.

Sahimos de Campinas para não vêmos de perto a infelicidade tocar nossos irmãos ; a viagem, amollada foi desde que vimos panorama tal ; a alegria dissipou-se, o pezar sobreveio, o aborrecimento e a tristeza mostraram suas azas negras.

Chegámos a S. Paulo. A estação

aglomerada parecia perguntar-nos alguma cousa de exquisito; nada dissemos, pois a viagem amollada que tivemos vedou-nos de fallar.

ISRAEL ALVES DOS SANTOS.

Amor fatal

A. F. GUIMARÃES

Luiz contava 18 annos de idade.

Era pobre, porém honesto e distinto o que fazia-o contar muitos amigos.

Nós sabemos que o amor é inevitavel, quando elle nos visita é impossivel despezal-o.

Luiz foi visitado por elle, porém a visita foi fatal, tão fatal, que levou-o ao tumulo, arrancando-lhe assim uma vida tão preciosa, que podia ser muito util á sociedade, pois, elle era um individuo, cujo talento muito promettia.

Elle foi a um baile; gostou de uma donzella formosissima, realmente provocador, declarou-lhe amor, porém um amor sincero que podia trazer a felicidade de ambos... Ella, ingrata, regeitou-o.

Luiz, immediatamente, cahiu desmaiado.

Dois amigos o carregaram para a sua morada.

Chegando n'ella Luiz estava quasi agonizante, a febre o devorava!...

Queria a todo momento ver a joven perto de si, sua voz fraca e intelligivel dizia a todo instante... ingrata... ingrata...

.....
.....
.....

Quasi ao despontar da aurora passava pela janella de sua casa uma carroagem, dentro d'ella, elle reconheceu a joven que lhe havia despezado! Realmente era ella que voltava do baile!.....

Então, elle fez um esforço supremo, chamou seus amigos, e pode articular com uma voz fraca e serena:

«A fatalidade quiz, que no meu momento extremo, ainda visse aquella ingrata...

E exalou o ultimo suspiro!

ARTHUR GOULART

A vida e a morte

O homem quando sente algum desgosto, deseja muitas vezes a morte, porém, elle quando sente-se enfermo exclama:

Oh meu Deus! Como é doce a vida! Sinto que vou morrer, quando a vida me era tão preciosa!

E o desditoso exala o ultimo suspiro abençoando a vida, e talvez, levando d'ella uma profunda saudade.

ARTHUR GOULART

RESPIGAS

O grito da consciencia.

Dous meirinhos, tendo ido fazer uma citação, foram recebidos com injurias e pancadas a valer.

Zangados com a brutal recepção, formularam a seguinte queixa:

«Os ditos assassinos dizem que eramos dous tratantes, safados, criminosos e larapios, o que affirmamos ser verdade sobre a té, etc., etc.

A FILHINHA DA POBRE

Minha mãe tão pobrezinha,
coitadinha!

Não tem nada p'ra me dar:
Cada hora dá-me um beijo,
E depois fica a chorar.

Minha mãe deu-me um thesouro,
Não de ouro;
Qual ella é pobre e nada tem;
Mas a lição da virtude
E' um thesouro tambem.

«Escuta filha querida,
«Minha vida!»
Cada dia ella me diz:
«Segue a lição que te ensino,
«Que não serás infeliz.

«Da mulher, toda riqueza
«E' a pureza:
«Oh! filha, confia em Deus!
«Se casta e boa como os anjos
«Hão do c'roar-te nos céus.

«Tua mãe tão pobrezinha,
«Coitadinha!
«Não tem nada p'ra te dar:
«Dá-te a lição da virtude,
«Que te repete a chorar!»

—Extr.—

CONSELHOS A'S JOVENS MÃES

AS AMAS

Quando houver circumstancias que privem o filhos da amamentação materna, e se tenha de recorrer a mulher estipiendiada, deve haver todo o escrupulo na escolha desta.

E' necessario attender-mos minuciosamente aos precedentes das mulheres que se sujeitam ao estipendio, e, se tem tido filhos, muito convém examinar a constituição e desenvolvimento destes.

E' preciso que o leite seja de formação recente em harmonia com o nascimento da creança.

A mudança rapida nos habitos alimentares das amas, pode causar as crianças, dyarrhéas, vomitos, collicas e certas perturbações nervosas.

ANNUNCIOS

ATELIER DE ESCULPTURA

HERMIDA, DASCOLA & CONTENTI

20, Rua do Senador Feijó, 20

Com grande officina e deposito de marmores, accitam encomendas para qualquer ponto da provincia.

Apromptam com brevidade, estatuas, monumentos, ornamentos e retratos.

Casa filial em Santos, rua do General Camara, 158.

Dous mil centos! Dous mil contos!

2.000.000\$000

GRANDE LOTERIA

DA

Provincia de São Paulo

Em beneficio da NOVA CATHEDRAL

A extracção da 1ª série effectuar-se-se impreterivelmente

SABBADO, 25 DE MAIO DE 1889

Estamos autorizados pelos cessionarios desta loteria a garantir que todas as séries serão exteahidas nos dias para que forem annunciadas, SEJA QUAL FOR A QUANTIDADE DOS BILHETES VENDIDOS, como o publico terá occasião de verificar já com a primeira série que está marcada para sabbado, 25 de Maio.

Depositararios, Dolivaes



Tip. UNIAO—S. PAULO.